



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 09/09/2022 a 15/09/2022

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
09/09/2022	14,89	440,90	70,25	8,53	6,98
12/09/2022	15,49	472,90	71,92	8,41	7,12
13/09/2022	15,34	462,10	71,96	8,42	7,09
14/09/2022	15,03	461,30	68,51	8,53	7,09
15/09/2022	14,51	434,50	66,79	8,45	6,77
Média	15,05	454,34	69,89	8,47	7,01

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	171,00	
RS – Não Me Toque	171,00	
RS – Londrina	165,00	
PR – Cascavel	168,00	
MT – C.N.Parecis	160,00	
MS – Maracaju	171,00	
GO - Rio Verde	164,00	
BA – L.E.Magalhães	162,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	87,00	CIF
Porto de Paranaguá	90,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	84,00	
SC – Rio do Sul	85,00	
PR – Cascavel	76,00	
PR – Londrina	76,00	
MT – C.N.Parecis	65,00	
MS – Maracaju	73,00	
SP – Itapetininga	77,00	
SP – Campinas	83,00	CIF
GO – Rio Verde	73,00	
GO – Jataí	73,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	93,00	
RS – Não Me Toque	93,00	
PR – Londrina	90,00	
PR – Cascavel	95,00	

Período: 14/09/2022

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 15/09/2022**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	84,02	170,85	94,25

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
15/09/2022**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	73,97
Feijão (saco 60 Kg)	228,33
Sorgo (saco 60 Kg)	63,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,32
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	3,40**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,89

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Agosto/22 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, iniciaram a semana em forte alta, puxadas pelas surpresas trazidas pelo relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado dia 12/09. Posteriormente, o mercado cedeu em função das fortes vendas por parte da Argentina; da expectativa de área recorde a ser semeada no Brasil; e do iminente início de colheita nos EUA. Assim, o bushel da oleaginosa fechou a quinta-feira (15) em US\$ 14,51, considerando que o primeiro mês passou a ser novembro/22. Uma semana antes o fechamento havia sido de US\$ 14,70.

O relatório do USDA indicou o seguinte, para a safra 2022/23:

- 1) Uma colheita, nos EUA, de 119,2 milhões de toneladas, contra 123,3 milhões no relatório anterior e contra expectativas do mercado que chegavam acima de 124 milhões de toneladas;
- 2) Os estoques finais estadunidenses, com isso, foram reduzidos para 5,4 milhões de toneladas, contra 6,7 milhões um mês antes;
- 3) A produção mundial de soja recua para 389,8 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais caem para 98,9 milhões. No caso da produção, um recuo de 3 milhões de toneladas sobre agosto e no caso dos estoques uma redução de 2,5 milhões;
- 4) As importações da China recuaram de um milhão de toneladas, ficando agora com um total projetado de 97 milhões de toneladas;
- 5) A produção brasileira e argentina seria de 149 e 51 milhões de toneladas respectivamente;
- 6) O preço médio ao produtor de soja dos EUA foi mantido em US\$ 14,35/bushel.

Afora isso, o mercado absorveu a informação de que as condições das lavouras de soja nos EUA, no dia 11/09, pioraram um pouco, registrando 56% entre boas a excelentes, 29% regulares e 15% entre ruins a muito ruins.

Por outro lado, na Argentina, apoiados pelo “câmbio soja”, os produtores locais comercializaram 15,2% de toda a safra 2021/22 em apenas sete dias, de uma safra total frustrada na colheita passada, atingindo somente 44 milhões de toneladas. Lembramos que a Argentina é o maior exportador mundial de óleo e farelo de soja e, até o mês passado, seus produtores seguravam mais soja do que o normal, diante da crise econômica local, que gera incertezas, e que inclui uma projeção de inflação, para o final de 2022, em torno de 95%. Em números absolutos, em sete dias foram vendidas 6,7 milhões de toneladas de soja por parte dos produtores argentinos, favorecidos, agora, pelo novo câmbio, o qual irá durar apenas até o dia 30/09, segundo o governo local. Recordando: desde o dia 05/09, por decisão do governo argentino, os produtores de soja locais, ao venderem sua soja para exportação, receberão uma taxa de câmbio de 200 pesos por dólar, quando o mercado prática, neste momento, 142,80 pesos. Essa medida favorável irá até o dia 30/09, fato que leva os produtores a acelerarem suas vendas da oleaginosa. Até o dia 10/09 os produtores argentinos haviam comercializado 57% do total colhido na última safra, ficando ainda abaixo do registrado um ano antes.

E no Brasil, os preços apresentaram um viés de baixa, apesar de Chicago e de um câmbio que voltou a oscilar perto de R\$ 5,20 em momentos da semana. A média

gaúcha, no balcão, fechou a semana em R\$ 170,85/saco, enquanto as principais praças locais trabalharam com R\$ 171,00. Nas demais praças nacionais os preços da soja oscilaram entre R\$ 160,00 e R\$ 171,00/saco.

Em novo levantamento, a Conab projeta uma área de soja, na futura safra brasileira que se inicia, com crescimento de 3,54%, podendo alcançar um total de 42,4 milhões de hectares. A produtividade média seria de 59,1 sacos/hectare, ou seja, 17,1% superior à alcançada na frustrada safra passada, fato que resultaria em uma colheita total de 150,4 milhões de toneladas neste ano 2022/23. Lembrando que algumas consultorias privadas chegam a projetar uma colheita de até 153 milhões de toneladas, embora os altos custos de produção e de um cenário de preços médios menores. Em tal contexto, novamente a orientação para a realização de médias de comercialização assume relevância, como sempre tem sido. Será preciso muito planejamento comercial por parte do produtor brasileiro, visando reduzir os riscos de mercado, associados ao elevado custo de produção.

Quanto às exportações, a Conab informa que, entre janeiro e agosto do corrente ano, o Brasil vendeu ao exterior 66,6 milhões de toneladas do grão de soja, com um recuo de 8,3% sobre o mesmo período do ano anterior. No caso do farelo, o volume ficou em 14,1 milhões de toneladas, crescendo 21,7%, enquanto o óleo de soja atingiu a 1,7 milhão de toneladas, com um incremento de 62,7% sobre o mesmo período do ano anterior. O órgão público igualmente reviu o volume colhido da última safra, com o mesmo ficando em 126,9 milhões de toneladas, com um processamento de 48,9 milhões. O total a ser exportado em grãos de soja, no ano, somaria 77 milhões de toneladas e o de farelo 18,7 milhões. Ao mesmo tempo, o consumo interno de óleo de soja recuaria para 7,8 milhões de toneladas. A receita total nas exportações do complexo soja brasileiro, em 2022, chegaria a US\$ 58 bilhões.

Enfim, a título de curiosidade, os produtores do Mato Grosso plantarão 491.600 hectares de soja convencional nesta próxima safra, o que indica um aumento de 34,6% sobre o ano anterior. No Paraná, a área desta soja passará para 264.300 hectares, contra 211.500 no ano anterior. Goiás irá semear 85.300 hectares de soja não-transgênica, com um aumento de 32,2% sobre o ano anterior. De acordo com dados do Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (Imea), a média de produtividade das variedades de soja convencional no Mato Grosso, na safra 2021/22, foi de 65,5 sacos por hectare. Já a safra de soja total daquele Estado teve média de 59,3 sacos por hectare, ou seja, as variedades convencionais superaram a média estadual em 6,2 sacos por hectare. Porém, é preciso considerar que tal comparação se dá entre uma área bem menor em relação a uma área significativamente maior (a transgênica) onde, geralmente, a produtividade média tende a cair. Enfim, pelas projeções existentes até o momento, o plantio de soja convencional, no Brasil, deverá alcançar 2,4% do total semeado no país, ou seja, algo em torno de um milhão de hectares.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho subiram igualmente nesta semana, na esteira do relatório de oferta e demanda do USDA. O fechamento desta quinta-feira (15), já sob influência da mudança do mês de referência para a primeira cotação de Chicago, ficou em US\$

6,77/bushel, contra US\$ 6,74 uma semana antes. Durante a semana o mercado chegou a superar os US\$ 7,00/bushel.

O relatório do USDA, divulgado no dia 12/09, indicou os seguintes números para o milho na safra 2022/23:

- 1) A produção dos EUA, cuja colheita está iniciando, foi reduzida para 354,2 milhões de toneladas, com um recuo de quase 10 milhões de toneladas sobre agosto;
- 2) Os estoques finais estadunidenses ficariam em 31 milhões de toneladas, com uma redução de quase cinco milhões de toneladas;
- 3) A produção mundial de milho foi reduzida para 1,172 bilhão de toneladas, com recuo de cerca de sete milhões de toneladas sobre agosto;
- 4) Os estoques finais mundiais ficariam em 304,5 milhões de toneladas, perdendo dois milhões de toneladas sobre o mês anterior;
- 5) A produção brasileira está projetada em 126 milhões enquanto a da Argentina ficaria em 55 milhões de toneladas;
- 6) O preço médio anual, ao produtor estadunidense de milho, foi elevado para US\$ 6,75/bushel.

Dito isso, a colheita de milho nos EUA, até o dia 11/09, alcançava 5% da área, contra 4% na média histórica. Ao mesmo tempo, as condições das lavouras restantes apontavam 53% entre boas a excelentes, 27% regulares e 20% entre ruins a muito ruins.

E no Brasil, os preços do cereal se mantiveram estáveis, com a média gaúcha, no balcão, fechando a semana em R\$ 84,02/saco, enquanto nas demais regiões do país, os preços oscilaram entre R\$ 65,00 e R\$ 85,00/saco. Já na B3, na abertura do pregão da quinta-feira (15), o contrato setembro era cotado à R\$ 83,90/saco; novembro à R\$ 88,55; janeiro/23 à R\$ 92,80; e março/23 à R\$ 95,66/saco.

A colheita da safrinha brasileira está praticamente encerrada, faltando alguma coisa em Minas Gerais e no Matopiba. Agora é esperar a consolidação dos números referentes ao volume colhido, o qual gira entre 82 e 90 milhões de toneladas conforme a fonte.

Enquanto isso, o plantio da nova safra de verão 2022/23 atingia, até o dia 08/09, a 17% da área esperada no Centro-Sul brasileiro, contra 16% no mesmo período do ano passado (cf. AgRural). No Paraná, 32% da área estava semeada no início da presente semana, sendo que o Estado espera um total de 404.305 hectares com milho verão. Há grande preocupação com a infestação de cigarrinhas, mais uma vez, fator que deverá ser determinante para definir a área final a ser semeada naquele Estado (cf. Deral).

Já no Rio Grande do Sul, o plantio do milho de verão está mais avançado e espera-se uma área total de 831.786 hectares. Em caso de clima normal, a expectativa é de uma produtividade média de 7.337 quilos/hectare, o que resultaria em uma produção total final de 6,1 milhões de toneladas (cf. Emater), compensando largamente a frustrada safra passada.

Enquanto isso, no Mato Grosso do Sul, segundo a Famasul, a produção da safrinha de milho continua estimada em 9,34 milhões de toneladas, após um recuo de 12,6% na área semeada, com a produtividade média ficando em 78,1 sacos/hectare. O preço do cereal recuou, nesta primeira quinzena de setembro, para R\$ 70,45/saco, enquanto o recuo, na comparação com o mesmo período do ano anterior, é de 12,7%. Até o final da segunda semana de setembro os produtores locais haviam comercializado 42% de toda a safrinha sul-matogrossense, ficando bem abaixo dos 68% negociados no mesmo período do ano passado.

Por outro lado, no Mato Grosso, 74% da safrinha já havia sido comercializada, enquanto o preço médio alcançou a R\$ 63,78/saco neste mês, em elevação de 4,2% sobre a média do mês anterior. De uma safra total estimada em 43,8 milhões de toneladas do cereal, o Mato Grosso espera exportar 23,9 milhões de toneladas para outros países, número que representa um aumento de 44,5% sobre o realizado na safra passada.

Neste sentido, em termos totais do Brasil, nosso país exportou 2,22 milhões de toneladas de milho nos seis primeiros dias úteis de setembro. Isso representa 78% do total exportado em todo o mês de setembro de 2021. Significa dizer que a média diária exportada, atualmente, é 172,8% superior a do mesmo mês do ano passado (cf. Secex). Com isso, até o encerramento do atual ano comercial, que ocorre em 31/01/23, o Brasil espera exportar entre 41 e 42 milhões de toneladas de milho (cf. Céleres Consultoria). Enfim, o preço da tonelada exportada subiu 56,6% sobre o ano anterior, ficando hoje em US\$ 293,50.

Em tal contexto, a Anec estima que as exportações totais de milho, em setembro, cheguem entre 6 e 7,9 milhões de toneladas. Se confirmado o volume maior, a exportação de milho teria uma alta de 210% sobre o realizado em setembro do ano passado.

Enfim, o Brasil importou 122.427 toneladas de milho nos primeiros seis dias úteis de setembro, já tendo recebido 30% do total importado em todo o mês de setembro do ano passado. O preço pago pela tonelada importada do cereal recuou 10,2%, em relação ao ano passado, ficando em US\$ 218,20.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, subiram bem durante a semana, se consolidando em patamar superior aos US\$ 8,00/bushel. O fechamento desta quinta-feira (15) ficou em US\$ 8,45, contra US\$ 8,10/bushel uma semana antes.

O relatório do USDA, divulgado no dia 12/09, trouxe poucas novidades a este mercado, porém, alimentou as altas. O mesmo apresentou o seguinte para a safra 2022/23:

- 1) A produção dos EUA foi mantida em 48,5 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais locais permaneceram em 16,6 milhões;
- 2) A produção mundial de trigo foi aumentada para 783,9 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais subiram para 268,6 milhões de toneladas, ganhando 1,3 milhão sobre o projetado em agosto;

- 3) A produção da Argentina ficaria em 19 milhões de toneladas e a do Brasil em 8,7 milhões;
- 4) As exportações argentinas de trigo somariam 13 milhões de toneladas, enquanto as importações brasileiras do cereal chegariam a 6,4 milhões;
- 5) A Ucrânia, apesar da guerra, ainda conseguirá produzir 20,5 milhões de toneladas, contra 33 milhões no ano anterior;
- 6) O preço médio do bushel de trigo, ao produtor dos EUA, ficará em US\$ 9,00.

Dito isso, a colheita do trigo de primavera, nos EUA, atingia a 85% da área, contra 89% na média histórica, até o dia 11/09. Já o plantio da nova safra do trigo de inverno chegava, na mesma data, a 10% da área esperada, contra 7% na média histórica.

E no Brasil os preços continuaram em recuo nesta semana, na medida em que a colheita avança no Paraná. A média gaúcha, no balcão, fechou a semana em R\$ 94,25/saco, enquanto no Paraná os preços recuaram para valores entre R\$ 90,00 e R\$ 95,00/saco. Neste ritmo, logo mais os preços deverão estar abaixo de R\$ 90,00/saco.

Por outro lado, consultoria privada aponta que a área total de trigo, no país, pode chegar a 3,16 milhões de hectares, com as produtividades médias alcançando 2.980 quilos/hectare no Paraná, 3.300 quilos em Santa Catarina, 3.100 quilos no Rio Grande do Sul, 2.400 quilos no Mato Grosso do Sul e 3.800 quilos/hectare em Goiás. Consta que, apesar das últimas geadas no sul do país, a maior parte das lavouras não teria sido comprometida, porém, tal avaliação requer muita cautela. Além disso, aqui no Rio Grande do Sul, há previsão de novas geadas para o final de setembro, o que seria, dependendo da intensidade, um desastre para as lavouras de trigo. Pelo sim ou pelo não, por enquanto, o setor privado estima uma produção de 9,67 milhões de toneladas de trigo no Brasil (cf. Stone X).

Nota-se que o volume é um pouco superior ao que a Conab projeta, e bem superior ao estimado pelo USDA, em seu relatório do dia 12/09.

Por sua vez, a colheita de trigo no Paraná atingiu a 19% da área total semeada neste início de semana (cf. Deral), enquanto no Rio Grande do Sul 5% das lavouras, no dia 08/09, estavam na fase de enchimento de grãos (cf. Emater). Em não havendo frustrações importantes, estes dois Estados deverão responder por 85% da produção nacional de trigo nesta safra.

Vale destacar que o excesso de chuvas, nos últimos dias no Paraná, comprometeu a qualidade das lavouras em algumas regiões daquele Estado. Este é mais um fator a ser considerado nas projeções de colheita. Por enquanto, 78% das lavouras locais estariam em boas condições (cf. Deral).

E no Rio Grande do Sul, onde o plantio foi atrasado neste ano (o que permitiu escapar de maiores prejuízos com as últimas geadas), ainda se tem, aproximadamente, 45 dias de atenção ao clima para se considerar que a safra esteja à salvo de problemas climáticos. Após o plantio da maior área de trigo desde 1980, o Estado gaúcho espera escapar das intempéries neste ano, algo que tem sido difícil na sua história tritícola, infelizmente.